

O QUE DEUS DIZ À SUA IGREJA NESTE TEMPO DE PANEMIA? VOLTANDO DO CATIVEIRO

Carlos Mraida

Quero agradecer à AFI por esse privilégio de compartilhar a Palavra com servos de Deus em todo o mundo, que estão fazendo um trabalho maravilhoso e com um poder extraordinário de multiplicação. Me foi pedido uma leitura teológico-profética deste tempo à luz do tema central: **“O que Deus está dizendo à sua Igreja neste tempo de pandemia?”**

Ouvi e li muitas palavras proféticas ditas por homens de Deus neste momento. Alguns deles alegaram que o Covid-19 foi enviado por Deus como um julgamento em um mundo longe de Seus mandamentos. Outros argumentaram que a pandemia é o resultado da ação de Satanás, e que devemos, portanto, opor-nos e repreendê-lo. E no meio dessa polarização interpretativa, variantes se aproximam de uma posição ou de outra. Quero esclarecer que estou me referindo a homens sérios e saudáveis de Deus com uma trajetória profética reconhecida. Não estou falando de falsos profetas, mas do povo de Deus com endosso. E a pergunta então é: quem está certo?

Pessoalmente, acredito que ninguém tem "a" palavra profética ou "a" interpretação, mas considero que toda a revelação que Deus dá a sua Igreja e usa seus profetas para que cada um manifeste um pouco da multiforme sabedoria de Deus. Isso explica porque nas Escrituras encontramos vários profetas falando com as mesmas pessoas ao mesmo tempo, com mensagens diferentes.

Então isso se aplica a mim primeiro. Eu só quero contribuir com minha visão da luz que Deus me deu. Sabendo perfeitamente bem que a Igreja é como um prisma óptico que reflete Sua luz se manifestando em uma diversidade de cores. Nenhum de nós tem "o raio branco" da luz, mas apenas uma cor, que junto com as outras compõe toda a revelação. Eu quero fazer isso a partir de um parágrafo da Palavra:

“Quando o SENHOR restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha. Então, a nossa boca se encheu de riso, e a nossa língua, de júbilo; então, entre as nações se dizia: Grandes coisas o SENHOR tem feito por eles. Com efeito, grandes coisas fez o SENHOR por nós; por isso, estamos alegres. Restaura, SENHOR, a nossa sorte, como as torrentes no Neguebe. Os que com lágrimas semeiam com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes.”

Salmo 126

1. TEMPO DE CONFRONTAÇÃO

Muitas pessoas nos perguntam se o vírus Corona vem de Deus ou de Satanás. Se Deus é soberano, ou a pandemia é enviada por Ele ou pelo menos permite. É a pergunta que os teólogos chamam de teodicéia, que significa: a justificação de Deus. Ou seja, como um Deus que é soberano e amoroso permite que o mal e o sofrimento ocorram. Ou não é amoroso, e é por isso que permite a dor, ou se é amoroso, não é soberano e não tem todo o poder para evitá-lo.

A teologia clássica pós-agostiniana teísta e o pensamento ocidental iluminista propuseram que o problema da teodicéia é um problema da providência divina. Ou seja, eles tentaram dizer que, por trás de cada sofrimento, há um motivo amoroso e sábio de Deus, a fim de manter a soberania absoluta de Deus e seu amor sem limites.

O problema com essa interpretação do problema do mal é que ele é absolutamente diferente da visão de Jesus. O tema da pregação e ministério de Jesus era o Reino de Deus. E o estabelecimento desse reino foi um confronto aberto contra o reino das trevas. Portanto, ignorar o conflito espiritual entre Deus e o diabo ao lidar com o problema do mal é desconsiderar o que é absolutamente claro no Novo Testamento.

Deus é o soberano, e em sua soberania ele deu ao ser humano a autoridade sobre toda a criação: E Deus os abençoou, e disse-lhes: sejam frutíferos e multipliquem; Encha a terra, submeta-a e reine sobre os peixes do mar, os pássaros dos céus e todas as bestas que se movem sobre a terra (Gênesis 1.28). Mas em Gênesis 3, o ser humano se submete à autoridade do diabo, e dá ao diabo essa autoridade sobre a criação. Desde então, o diabo é chamado o princípio deste mundo (João 12.31, 14.30, 16.11), o princípio do poder do ar (Efésios 2.2) ou o deus deste século (2 Coríntios 4.4).

Deus ainda é soberano, mas sua soberania é "limitada". O que quero dizer com isto? O que não tem poder absoluto? Não. O que não existe mais no trono do universo? Nem. Ele permanece o Soberano do céu e da terra e seu poder é ilimitado. Mas a autoridade sobre o que acontece na terra foi dada ao ser humano. E nós o perdemos para Satanás.

Deus enviou seu filho Jesus Cristo. O centro de sua pregação e ministério era o Reino de Deus. E o Reino de Deus deveria arrebatar o diabo de sua autoridade delegada pelo homem. Seu ministério era um conflito com Satanás e seu reino. E, finalmente, Jesus Cristo venceu na cruz, para que possamos recuperar a autoridade que o Pai nos havia dado.

Portanto, a vitória de Cristo é absoluta, mas ao mesmo tempo espera por sua concretização final. Cristo, uma vez que ofereceu um único sacrifício pelos pecados, sentou-se à direita de Deus, depois esperando até que seus inimigos sejam postos ao seu pé (Hebreus 10.12-13). Sua vitória está garantida. Ele está à direita de Deus. E é apenas uma questão de tempo, ele está esperando até que seus inimigos sejam colocados no banquinho. É o famoso e dinâmico "agora, mas ainda não".

Como vai fazer? E o Deus da paz em breve esmagará Satanás sob seus pés (Romanos 16:20). Por que a espera? Porque Jesus delegou essa autoridade à sua igreja. Portanto, a igreja deve exercer sua autoridade.

A interpretação teísta e esclarecida que dominou o pensamento ocidental fez do nosso problema do mal não o mesmo problema do mal que Jesus e seus discípulos enfrentaram. Essa perspectiva clássica enquadrou o problema do mal em uma questão da providência de Deus. Se alguém acredita que um propósito sábio e bom se esconde por trás de doenças, morte, pobreza, fome, o problema do mal muda. Transforma-se o problema do mal em algo contra o qual a igreja deve lutar e o transforma em algo para explicar intelectualmente, sobre como um Deus todo-poderoso e todo amor podem estar direta ou permissivamente por trás do mal. E o pior é que acabamos renunciando e nos rendendo diante de um conflito espiritual que devemos enfrentar e vencer, reduzindo-o a uma lucubração teológica que nunca poderemos terminar de resolver. Isso explica por que a igreja ocidental tem tendência a teologizar muito sobre o mal, embora muitas vezes seja impotente para enfrentá-lo. Ao contrário da igreja do Novo

Testamento, ela não era intelectualmente confusa diante do mal, mas espiritualmente capacitada para superá-lo.

Não estou dizendo que devemos explicar todo o problema do mal por ação demoníaca, mas não podemos ignorar a realidade do confronto espiritual cósmico que afeta os poderes da terra e de seus habitantes. Portanto, devemos também entender essa situação de pandemia e pós-pandemia, dentro da estrutura do conflito espiritual. E reconhecer que a terra está em cativeiro e que a igreja deve assumir sua autoridade e enfrentar a luta contra as trevas.

O cativeiro da vigilância biopolítica

Em primeiro lugar, a pandemia literalmente colocou o mundo em cativeiro e, por trás desse isolamento迫使ido por razões lógicas de prevenção, outras ameaças graves de cativeiro aparecem. Não estou falando de uma teoria da conspiração de algum poder nacional. Mas de poderes espirituais que dominam os poderosos da terra e condicionam suas decisões, muitas vezes sem que saibam disso.

É a primeira vez na história em que a maior parte do mundo entra é forçado a isolamento social. Apesar dos graves erros iniciais e da pesquisa iniciada para avaliar seu desempenho, a Organização Mundial da Saúde se tornou uma entidade com poder sobre a maioria dos governos, mercados e habitantes do mundo. do mundo que se submeteu às suas instruções, mesmo ao preço da perda dos direitos constitucionais.

Alguns vêem isso como o surgimento de uma nova ordem mundial sob a figura bíblica da besta e a famosa marca à direita. Mas o mais impressionante é que esse perigo da vigilância biopolítica não é percebido por crentes loucos e paranóicos com uma abordagem apocalíptica da vida. Alguns dos principais intelectuais, filósofos e estudiosos não-cristãos do mundo estão falando de um novo estado de cativeiro ou perda de liberdade da vigilância biopolítica. Por exemplo, Yuval Noah Harari, historiador e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, colunista das revistas "Time" e "Financial Times", e uma das vozes mais ouvidas nos últimos anos, especialmente com seus livros *Sapiens* e *Homo Deus*. Ele diz que a epidemia de coronavírus pode marcar um marco importante na história da vigilância. Porque isso significa uma transição dramática da vigilância "na pele" para a vigilância "sob a pele", dentro do corpo. Anteriormente, os governos estavam interessados, por meio de câmeras de vídeo, em saber o que as pessoas estavam fazendo, com quem estavam e onde estavam. Mas agora eles estarão mais interessados no que acontece dentro do corpo. A condição médica, temperatura corporal, pressão arterial. Esse tipo de informação biométrica pode dizer muito mais ao governo sobre as pessoas. Através de um simples sensor biométrico que o monitora 24 horas por dia, o governo pode pela primeira vez na história, saiba o que cada cidadão sente a cada momento, devido a mudanças na pressão, temperatura, atividade na amígdala, etc.).¹

O filósofo alemão mais lido no mundo é um coreano chamado Byung-Chul Han. Ele é professor da Universidade de Berlim, também não é cristão, mas afirma o mesmo. "Com a pandemia, estamos caminhando para um regime de vigilância biopolítica. Não

¹ Yuval Noah Harari: "A crise do Covid-19 está se transformando no momento decisivo de nossa era", entrevista ao "La Tercera". <https://www.latercera.com/tendencias/noticia/entrevista-a-yuval-noah-harari-la-crisis-del-covid-19-se-perfila-como-el-momento-decisivo-de-nuestra-era/3LU4RWOIJ5HCTPPH2CXWU3E6ZY/>

apenas nossas comunicações, mas também nosso corpo, nosso estado de saúde se tornam objetos de vigilância digital. O choque pandêmico fará com que a biopolítica digital se consolide em todo o mundo, com seu sistema de controle e vigilância dominando nossos corpos. Isso dará origem a uma sociedade disciplinar biopolítica na qual nosso estado de saúde também será constantemente monitorado.”² Essas opiniões são de algumas das mentes mais lúcidas, secularmente falando.

As medidas temporárias foram tomadas durante um estado de emergência e uma delas as apoia. Porém, medidas temporárias têm um hábito desagradável de sobreviver a emergências, especialmente porque sempre há uma nova emergência à espreita no horizonte. Mesmo quando os casos de coronavírus caem para zero, alguns governos podem argumentar que precisam manter novos sistemas de vigilância porque temem uma segunda onda de coronavírus, ou porque há uma nova cepa de Ebola na África Central ou porque querem proteger as pessoas. de gripe sazonal.

Na minha apresentação na AFI 2018, falei do “*kosmos*”, o sistema de dominação que está sob o controle do “*arjón tou kosmou*” (príncipe do mundo), que exerce seu domínio através de poderes, que Paulo chama de principados (*arjas*), poderes (*exousías*), governantes (*kosmokrátoras*) das trevas deste século e espíritos malignos (*pneumatiká*) (Efésios 6.12). Esses poderes são inteligências corporativas embutidas em culturas, nações e instituições sociais. Existe uma intrincada estrutura de dominação que exerce seu poder espiritual sobre organizações internacionais, mídia, sistemas educacionais, instituições (incluindo a igreja), empresas, governos e exerce sua influência decisiva sobre as pessoas. Não reconhecer isso fará nossa luta apenas contra carne e sangue³.

Em um mundo de progressivo confronto em nível espiritual, de crescente perseguição, o sistema de dominação demoníaca fará todo o possível para sujeitar a Igreja ao cativeiro, à perda de liberdades em sua adoração e missão.

O cativeiro do individualismo

A pandemia e a pós-pandemia aprofundarão uma das características fundamentais de nosso tempo, que é o individualismo. É também uma das estratégias privilegiadas do diabo. Uma de suas intenções egocêntricas é o desaparecimento da comunidade. A destruição do casamento, a fragmentação da família, o enfraquecimento da escola, a conversão de clubes de espaços sociais em empreendimentos comerciais, a secularização do sagrado e o ataque ideológico permanente aos religiosos. A comunidade e a vida comunitária estão desaparecendo.

E a pandemia acelerou esse processo. O confinamento que poderia ter sido um motivo para o reencontro familiar, no entanto, está deixando uma sequência de crescentes separações e divórcios. A separação forçada dos pais com os filhos e dos avós e dos netos. Acreditando que a educação é coberta pela sala de aula virtual, ignorando o valor insubstituível do processo de socialização de crianças e adolescentes. Trabalho em casa ou teletrabalho que elimina a companhia. A substituição de praticantes de esportes por espectadores e espectadores que não compartilham o espaço comum. Igrejas que não podem se congregar.

² Byung-Chul Han, *O desaparecimento dos rituais*, Barcelona: Editorial Herder, 2020, 128p.

³ Carlos Mraida, AFI, Fuerteventura 2018: *A rebelião contra o Pai, mãe de todas as batalhas*.

Estamos nos tornando cada vez mais conectados, como resultado da digitalização, mas a hiper comunicação não traz mais vínculo ou proximidade. As redes sociais também acabam com a dimensão social, colocando o ego no centro. Hoje somos continuamente convidados a comunicar nossas opiniões, necessidades, desejos ou preferências, inclusive para contar nossas vidas. Cada um produz e se representa. Todo mundo pratica adoração, auto adoração.

Temos comunicação sem comunidade. Como diz Byung-Chul Han, celebramos cada vez menos festivais comunitários, cada um celebrando apenas a si mesmo. A crise do coronavírus terminou completamente os rituais da comunidade. Nem sequer é permitido apertar as mãos. A distância social destrói qualquer proximidade física. A pandemia deu origem a uma sociedade de quarentena em que toda a experiência da comunidade é perdida. Como estamos interconectados digitalmente, continuamos a nos comunicar, mas sem nenhuma experiência da comunidade que nos faça feliz.

O isolamento não é apenas uma questão de prevenção de infecções, mas um acelerador da solidão. Muitas pessoas estão sofrendo e prejudicando sua saúde mental por causa dessa situação. Isolamos os idosos de suas famílias para garantir suas vidas, e muitos morrem enfraquecidos em suas defesas pela solidão. Estamos todos mais ou menos conectados digitalmente, mas falta a proximidade física, a comunidade fisicamente palpável. O vírus isola as pessoas. Agrava a solidão e o isolamento que, de qualquer forma, dominam nossa sociedade. Alguns estão chamando o blues de depressão de uma consequência da pandemia.

O cativeiro do vazio

A pandemia e a pós-pandemia irão aprofundar cada vez mais o vazio interior das pessoas. Não é fruto de um problema de saúde, mas o aprofundamento causado pela união do isolamento com o virtual que acelera o que a sociedade vem vivenciando. As pessoas procuram novos estímulos, emoções, experiências, porque nada os preenche. E o novo tem vida curta. Ele rapidamente banaliza e novamente empurra o desejo de algo novo. E a paixão causada pela descoberta do novo dificilmente dura um instante. E o próximo momento virá com a promessa de nos tirar da decepção que o anterior nos deixou. Mas já sabemos que o novo não será capaz de manter sua palavra e cairemos novamente em apatia e vazio.

Esse sentimento de vazio, juntamente com o isolamento, é o que ativa a hiper comunicação e o hiperconsumo. A intensidade da vida e a hiper comunicação são formas de consumo que tentam inutilmente preencher esse vazio.

O cativeiro da pobreza e a desigualdade social

No início da pandemia, fingia-se acreditar que o vírus não fazia distinção social. Mas com o tempo, a realidade mostrou o contrário. Vulnerabilidade e mortalidade dependem do nível socioeconômico. Também não é uma novidade causada pelo Covid-19, mas a pandemia veio confirmar e aprofundar as diferenças e desigualdades sociais. Chegou a revelar ainda mais os graves problemas sociais, as dívidas que o sistema mundial tem com os mais pobres e as enormes desigualdades experimentadas em cada sociedade.

Os afro-americanos adoecem e morrem principalmente nos Estados Unidos. Na França, o mesmo. Como consequência do confinamento, os trens que ligam Paris aos subúrbios estão superlotados. Nas áreas periféricas das grandes cidades, as principais vítimas são trabalhadores pobres de origem imigrante. Pela simples razão de que eles têm que sair para trabalhar. Trabalhar em casa não é para os pobres. O teletrabalho, como mecanismo para continuar a produção em tempos de pandemia, também é um exemplo de desigualdade. O teletrabalho não pode ser oferecido por operários, limpadores, vendedores ou coletores de lixo. Os ricos, por sua vez, se mudam para suas casas no país. A pandemia não é apenas um problema médico, mas social. Em Buenos Aires, a explosão de casos concentra-se nas cidades emergenciais e nos bairros mais carenciados da Grande Buenos Aires.

Mas a pandemia não apenas revelou o sistema de injustiça e desigualdade em que vivemos, mas também a tornou pior. A queda brutal dos mercados, o enorme crescimento do desemprego, os processos inflacionários, a recessão econômica e a depressão, punem preferencialmente os mais necessitados e ampliam o fosso entre os ricos e os pobres para níveis obscenos.

Na Argentina, até agora na pandemia, o percentual de pobres cresceu 10%, atingindo 45% da população no momento. E a Unicef prevê que até o final do ano, 58,6% das crianças argentinas serão pobres e 16,3% cairá na indigência.

Além da significativa perda de empregos, acrescenta-se que a pandemia acelerará o processo de robotização do trabalho, pois para determinadas tarefas e para evitar possíveis contágios, o Covid-19 já normalizou o movimento de seres humanos em favor de robôs. Por exemplo, cuidadores de idosos foram substituídos por robôs. E o mesmo em outras tarefas. Como em outras coisas, a pandemia tem sido um acelerador muito forte dos processos que estavam ocorrendo. Alguns especialistas falaram sobre a possibilidade de os governos concederem aos cidadãos uma "renda básica universal" e para muitos isso era uma utopia. Mas mesmo o governo conservador dos EUA está prestes a dar aos cidadãos um salário básico durante a crise. Mas como a maioria das coisas que chegam em tempos de crise acabam ficando, será uma possibilidade diante de tanto desemprego. Como afirmou Yuval Noah Harari, "enquanto a Revolução Industrial criou a classe trabalhadora, a próxima grande revolução criará a" classe desnecessária "⁴.

Após a emergência da saúde, chega um momento em que os governos realizarão experimentos sociais que moldarão o mundo nas próximas décadas. O controle através do medo e da biovigilância será usado para tentar reprimir a resistência e a agitação social.

La cautividad del temor

Segundo especialistas em saúde mental, os efeitos do nosso medo podem ser mais devastadores do que a própria pandemia. O medo é ser capaz de gerar uma crise social e econômica global. E seus efeitos sobre a saúde são graves. O medo afeta o sistema imunológico e torna a pessoa mais suscetível a sofrer de doenças como o vírus corona. O vírus encontra um organismo enfraquecido pelo estresse liberado pelo medo que acaba diminuindo as defesas do sistema.

⁴ Yuval Noah Harari, *Homo Deus: Breve história de amanhã*, Barcelona: Editorial Debate, 2016, 496 p.

Isso já havia sido descoberto por Martin Lutero. A cidade alemã de Wittenberg, durante a praga de 1539, produziu um verdadeiro "salve-se quem puder". O grande líder da Reforma Protestante observou que seus concidadãos fugiram em meio ao pânico. Os doentes não tinham ninguém para cuidar deles. Segundo Lutero, o medo era um mal ainda mais terrível que a própria doença. Ele perturbou o cérebro das pessoas e as levou a nem se importarem com suas famílias.

Havia e há outras doenças que causaram mais contágio e morte, mas nenhuma gerou o que se tornou popular como a pandemia de medo e ansiedade. Algumas doenças e pandemias na história devastaram partes inteiras da humanidade. A varíola teve 300 milhões de mortes. Os 100 milhões de peste bubônica. A gripe espanhola entre 50 e 100 milhões. O sarampo leva 200 milhões de vítimas e ainda não foi erradicado em todo o mundo. O HIV já matou 25 milhões. Cólera três milhões. A taxa de mortalidade do vírus Corona está entre 0,2 e 0,4%, de acordo com diferentes estimativas. A gripe é inferior a 0,1%, mas anualmente 600.000 pessoas morrem. Nos Estados Unidos, a gripe infecta 26 milhões de pessoas a cada ano, das quais 14.000 morrem. Na Argentina, levamos menos de 400 mortes pelo vírus Corona, mas 30.000 morrem anualmente de gripe e pneumonia. A questão então se torna: por que o Covid-19 gerou uma pandemia internacional de terror como nenhuma outra doença?

Gustavo González explica isso por quatro razões básicas. Primeiro, os valores do individualismo, do hedonismo e do secularismo agnóstico típicos do pós-modernismo foram misturados ao medo de um mundo que se tornou absolutamente instável e que gerou três grandes paranoias globais: medo do outro, medo de doenças desconhecidas e medo de uma crise financeira repentina e geral. Segundo, as condições de conectividade virtual e informativa, que permitem que as informações se expandam com vertigem nunca vista antes. Terceiro, a consciência de saúde das pessoas hoje. Quarto, a economia mundial está cada vez mais baseada na globalidade e suas flutuações⁵.

Byung-Chul Han diz: ““ O pânico sobre o vírus é exagerado. A idade média das pessoas que morrem na Covid-19 na Alemanha é de 80 ou 81 anos e a expectativa de vida média é de 80,5 anos. O que nossa reação de pânico ao vírus mostra é que algo está errado em nossa sociedade. Vivemos em uma sociedade de sobrevivência que se baseia no medo da morte. Agora, a sobrevivência se tornará absoluta, como se estivéssemos em permanente estado de guerra ... Os padres também praticam distanciamento social e usam máscaras protetoras. Eles sacrificam a crença para a sobrevivência. A caridade se manifesta através do estranhamento. A virologia desacopla a teologia. Todo mundo ouve virologistas, que têm absoluta soberania de interpretação. A narrativa da ressurreição dá lugar à ideologia da saúde e da sobrevivência. Antes do vírus, a crença se torna uma farsa. ”⁶.

Estamos nestes dias de comunicação instantânea, Internet e redes sociais imersas em um trauma global chocante, mantido em cativeiro pelo controle, individualismo, vazio e medo. Expressões do que o profeta Isaías anunciou: Pois eis que as trevas cobrirão a terra e as trevas as nações. Mas nesse contexto de trevas, Deus continua no trono e amanhece no seu povo; mas o Senhor irá nascer sobre você, e sua

⁵ Se existe uma área por excelência sensível ao medo, é a economia. Os mercados já criaram seus próprios VIX (Volatility Index) que eles chamam de "Índice do Medo" e medem com precisão o medo da volatilidade do mercado.

⁶ Byung-Chul Han, *O desaparecimento dos rituais*, Barcelona: Editorial Herder, 2020, 128p.

glória será vista em você. O resultado neste tempo de nova realidade é: E as nações andarão em sua luz, e os reis na claridade de seu nascimento (Isaías 60.2).

Então eu acho que além do tempo de cativeiro é o tempo do lançamento. O Salmo 126 declara: Quando Jeová traz de volta o cativeiro de Sião. Então, eu quero anunciar o que sinto que virá depois da pandemia..

1. TEMPO DE SONHAR

Quando Jeová trouxer de volta o cativeiro de Sião, seremos como aqueles que sonham.

Quero desafiá-lo neste momento de confusão, cativeiro, mudanças e incerteza para sonhar. Desta vez é para os anciões terem sonhos, para os ministérios apostólicos sonharem com coisas novas, grandes e maravilhosas. Que sejam sonhos que inspirem seu povo, seus pastores. Não estamos aqui para delegar tarefas, mas para inspirar pessoas. E essa inspiração ocorre quando somos capazes de transmitir os sonhos de Deus. Tempo para os idosos terem sonhos e os jovens para visões. Como apóstolo, como ancião, seus sonhos inspirarão visões de Deus em seus pastores, líderes e pessoas.

A vacina para controle e medo são sonhos e visões. Então você e eu precisamos sonhar com o que está por vir. Não apenas para informá-lo do que vem ao mundo na nova realidade, sem sonhar com o que vem da obra de Deus para a Igreja dele na sua cidade, na sua nação, no mundo. Novos sonhos, novas visões, novos objetivos. O desafio não é porque o mundo mudará, o desafio é porque Deus sempre quer que você faça mais, porque o caminho dos justos é como a luz do amanhecer. Porque para especialistas como você, o caminho da vida é ascendente. Porque você irá de poder em poder. Porque o último vinho é melhor que o primeiro. Porque a última glória é maior que a primeira. A melhor parte do seu ministério não está no que você já fez. É no que você sonhará neste tempo, e nas visões que você inspirará nos mais jovens. Eu profetizo que o melhor ainda está por vir para sua vida. Você não vai encolher, você está indo para mais.

Em tempos de cativeiro, a libertação é experimentada e a libertação é transmitida pelo vôo. Sonhos e visões são as asas que Deus lhe dá para voar e ser livre. Se você está cansado, se está estagnado, se esse cativeiro não apenas da pandemia, mas também do estado do mundo, fez você perder sua força, a promessa é que Deus lhe dará uma nova força para quem não tem e que você levantará asas como a águia . Os jovens precisam de você porque até eles também são desencorajados, cansam-se, cansam-se, mas você levantará as asas dos sonhos que Deus lhe dá e das visões que inspirará; antes que as mudanças vertiginosas você corra, você não se canse; você caminhará na nova realidade e não se cansará. Sim! Ele lhe dá força para orientar processos em sua cidade.

É por isso que você está grávida de sonhos, para inspirar visões concretizadas pela igreja de sua cidade e sua nação. Por favor! Permita-se sonhar. Precisamos que você sonhe para que a igreja e o mundo saiam do cativeiro. Não espere para ver o que acontece; faça o que Deus quer que aconteça!

2. TEMPO DE CELEBRAÇÃO COMUNITARIA

Então nossa boca ficará cheia de riso, e nossa língua de louvor (v.2).

A tarefa apostólica libertadora do cativeiro do individualismo será superar esse tempo de comunicação sem comunidade, isto é, restaurar o corpo da Igreja, para que a igreja possa transmitir o que o mundo precisa. Segundo Jesus, existem apenas dois modelos de igreja. A igreja como Casa del Padre e a igreja casa del mercado. Esta última é uma igreja cativa da cultura de cada época e, portanto, incapaz de transformar a realidade. A igreja do mercado hoje, entre outras características, é uma igreja cativa do individualismo, mostra cultura, narcisismo, narcisismo.⁷

Como em todo o resto, a pandemia acelerou o processo que já estava ocorrendo. Deixar de estar juntos por causa do isolamento está enfatizando o individualismo. Não poder se reunir para adorar em comunidade está aumentando a cultura do espetáculo religioso. As pessoas "veem" o culto on-line, enquanto comem ou se deitam. Completamente isolados um do outro apenas "recebendo" o que é apresentado na tela e aumentando a centralidade narcísica do eu.

Aprecio poder ter todos os meios e plataformas que temos hoje para ministrar às pessoas. São meios maravilhosos para alcançar muitas pessoas, alcançar os não salvos, os crentes distantes com a mensagem. E além das limitações da pandemia, devemos continuar a usar todos esses meios para esses fins. Mas isso não é ser igreja. Acreditando que o único e mais importante é que "pregemos o evangelho" é uma tendência que está na teologia prática da igreja há décadas e que, entre outras coisas, contribuiu para uma mensagem individualizada e privatizada que ignorou que o Chefe e o os corpos são inseparáveis, e isso fez com que a maior igreja de todas as cidades ocidentais fosse a que não se reúne.

O perigo do gnosticismo hoje é o risco de pregação desencarnada, desencarnada, de doutorado. O evangelho não é apenas pregar, mas principalmente encarnação. E uma encarnação sem corpo, sem comunidade, sem família, sem "beijo sagrado", sem "impôr as mãos aos doentes e saudáveis", sem contato físico, não é possível.

Portanto, um sinal de que emergimos do cativeiro cultural e pandêmico será que, como os judeus na Babilônia, celebraremos em comunidade. Como diz Byung-Chul Han, nossa cultura celebra cada vez mais "menos festivais comunitários, cada um celebrando apenas a si mesmo". Penso que, erroneamente, alguns pastores da época superestimaram o retorno às reuniões domésticas (o que em muitos países nem sequer é permitido) e subestimaram a importância de se reunir em templos e, em alguns casos, até de celebrar essa impossibilidade com a mesma sorte. de volta ao primitivo. Mas acho que os cultos nos templos não são apenas a produção de eventos litúrgicos, como alguns sustentam. É uma resposta contra cultural ao espírito deste mundo que visa sacrificar a comunidade no altar do eu e suprimir a celebração coletiva. O argumento de que a igreja primitiva não tinha templos é muito fraco. Simplesmente limita o impacto da comunidade em um edifício. Esquecem que Atos 5.42 diz: E todos os dias, no templo e nas casas, eles não paravam de ensinar e pregar Jesus Cristo. Ou seja, os primeiros crentes viveram a experiência do pequeno grupo e da concentração na comunidade.

⁷ Para ver este tópico de uma maneira mais desenvolvida, consulte: Carlos Mraida, AFI Roma 2015: *El futuro de AFI: El desafío de la iglesia en Sudamérica.*

Porque para amadurecimento, crescimento e espiritualidade integral, todos os círculos da comunidade são necessários: família, pequeno grupo, comunidade de fé.

Quem ignora isso e faz do espaço virtual a nova maneira de ser igreja, sem perceber, está alimentando o inimigo número um do Evangelho, que é o individualismo. O que eles devem reagir não é a reunião da comunidade em um prédio, mas a cultura do show que ocorre nesses templos há décadas e que o espaço virtual sem dúvida aumentará. Corrigimos corretamente a confusão que leva as pessoas a dizer: "Vou à igreja", em vez de dizer: "Nós somos a igreja". Mas não é o edifício, nem a comunidade cultua as principais causas para isso. O que causou essa distorção é uma liderança que transformou o templo em um auditório, no qual é realizado um show religioso, e no qual 10 pessoas ministram entre pastores e músicos, e o restante é ministrado. O problema é que não fizemos de nossas reuniões oportunidades de funcionar como uma comunidade, para o ministério coletivo, onde todos trabalham com seus dons e ministérios, cientes de que "somos igreja".

Se antes da pandemia mais de 50% dos crentes em todas as cidades não se reuniram, após a pandemia a porcentagem aumentará. As igrejas aumentarão a adoração presencial, a adoração on-line, animada para alcançar pessoas não alcançadas. Mas quando isso acontece, muitas pessoas que costumavam se reunir antes escolhem "ver" o mesmo show de culto de 10 pessoas em casa, sem se encontrar, sem ter que viajar, sem ter que "se vestir", sem exigências. À deformação de "vamos à igreja" agora vamos adicionar "vemos" a igreja. Para que isso não aconteça, é necessário um ministério apostólico libertador do cativeiro. Cuja primeira e mais importante ação é a renovação da mentalidade dos pastores. Temos que ensinar que o público não é igreja.⁸

O que já estava acontecendo foi se aprofundando, pois fomos forçados a apresentar todas as pessoas ao espaço virtual de maneira massiva. Refiro-me à falta de pertencimento e consumismo religioso. As pessoas que navegam e servem a si mesmas como em um restaurante buffet self-service, a música que mais gostam, o pregador que mais preferem em qualquer lugar do mundo. Isso já estava acontecendo, mas em um setor muito menor de pessoas. Em outras palavras, a pandemia acelerou o processo.

Eu uso todas as mídias e plataformas. E aprecio a oportunidade de usar esses meios, mas sinto que não devemos parar de discipular continuamente as pessoas sobre o que é ser uma igreja. Nos anos 50, Marshall McLuhan, o pai da ciência da comunicação, já disse que o uso de tecnologias é como uma prótese que nos permite ir além do corpo e ir além do que nosso corpo pode alcançar. Mas ele acrescentou que toda prótese pressupõe uma amputação. Vamos usar todas as plataformas para se comunicar, mas sem perder a comunidade. Vamos chegar, mas sem amputação do corpo.

Na minha cidade, provavelmente demorará meses para que possamos nos encontrar novamente em pequenos grupos e como igreja como comunidade. Mas já estou sonhando com o que será o primeiro encontro, onde nossas bocas se encherão de risadas e nossos lábios de louvor. Vamos celebrar o Senhor, é claro. Mas podemos fazer isso separadamente e individualmente. Celebraremos o Senhor, mas também celebraremos que somos Igreja, corpo, comunidade, família.

O mundo vindouro será cada vez mais isolado, solitário. Antes da pandemia, o governo britânico havia estabelecido um novo ministério para a nação: o ministério da solidão. Eu moro em uma cidade onde existem muitos mais que moram sozinhos do que aqueles que moram com a família. O diabo está sitiando a humanidade com suas piores

⁸ Norberto Saracco, Conselho de Pastores da Cidade de Buenos Aires, maio 2020.

ameaças e estratégias. E a solidão é um deles. Mas, à medida que a escuridão cresce, a consciência de que a luz surgiu sobre nós e sobre mim deve crescer. E que as pessoas virão até nós mais desesperadas do que nunca.

Uma colheita gigantesca está chegando! Por quê? Por que realizaremos grandes campanhas evangelísticas? Não, mas porque daremos às pessoas o que elas mais precisam e somente a igreja, se for uma igreja verdadeira, poderá dar. Se a igreja é apenas um auditório presencial ou virtual, há melhores shows seculares. Se a igreja é uma plataforma onde existe um comunicador dinâmico, músicos e cantores, existem melhores comunicadores e músicos por aí. Se a igreja é um gerenciamento adequado de plataformas digitais, pessoas de fora as gerenciam melhor e têm milhões de seguidores.

Graças a Deus pelos auditórios, pelas plataformas físicas, pelos pastores, pelos músicos e pelas plataformas virtuais. Mas nada disso constitui a essência da igreja e nada disso é o que a igreja pode dar a um mundo em escuridão crescente, de angústia, medo, solidão, isolamento, vazio, miséria, depressão. Bem cientes de que as trevas cobrem a terra, mas sua luz nos amanheceu e que as pessoas andam sob nossa luz, estamos determinados mais do que nunca a ser Igreja de Jesus Cristo, Casa do Pai, família de fé, comunidade, corpo que encarna servindo e dando amor. Então chegou a hora mais do que nunca de a luz brilhar, de as nações caminharem em nossa luz. É a hora mais do que nunca para a igreja nascer. Levante-se e brilhe. É o tempo em que o melhor da igreja aparece. O que é? “Alélon”. No Novo Testamento este termo aparece 59 vezes e significa: **um ao outro**. Que possamos reprender e ensinar a profundidade que a necessidade dos outros possui em um: contato, proximidade, olhar e voz viva.

3. TEMPO DE IMPACTO

O salmo também anuncia que, como resultado desse processo de libertação do povo de Deus e através do povo de Deus, haverá um impacto nas nações.

Impacto social

Então eles dirão entre as nações: Jeová fez grandes coisas com elas. Jeová fez grandes coisas por nós; Seremos felizes (vv.2-3).

Harari diz: "O antigo livro de regras está desmoronando e um novo livro de regras está sendo escrito." As respostas que os governos da terra, da ciência e do mercado não têm, Deus dará à sua Igreja e as nações andarão à sua luz. E Deus lhe deu a tarefa de liderar esses processos. A antropóloga brasileira Lilia Schwarcz diz que a pandemia é a morte do projeto humanista. O filósofo Mario Sergio Cortela: "Fomos destronados como humanidade, especialmente as nenhadas mais intelectualizadas e educadas, mais marcadas por algum tipo de poder político ou econômico. Nós caímos do pedestal em que nos colocamos "⁹.

Não podemos deixar a transformação nas mãos de um vírus. É a igreja que deve liderar o processo de trazer o novo. Enquanto todos, até milhares de pastores, desejam "voltar à normalidade", Deus quer acabar com a normalidade sombria do cativeiro do sistema de dominação demoníaca, do individualismo, do vazio e da apatia do consumismo, da pobreza e da pobreza. desigualdade e medo. Antonio Gramsci definiu crise dizendo: "A crise é o momento em que a antiga ordem se extingue e é necessário lutar por um novo mundo superando resistências e contradições".

Para isso, são necessários ministérios apostólicos em sintonia com Deus, que vão além da visão pastoral e contemplam a cidade. Um apóstolo não é um pastor com várias congregações. O olhar do pastor está no reino de sua própria congregação. Mas o apóstolo deve olhar para a figura completa da Igreja na cidade e na cidade. As nações começarão a dizer grandes coisas que o Senhor fez com elas. O mundo não tem respostas. Nações e governantes andarão na luz do povo de Deus. O vírus revelou o fracasso da liderança mundial. É a oportunidade para um novo. O modelo de liderança baseado no confronto como forma de construir poder não ocorrerá em um mundo que exigirá acordos, solidariedade, diálogo, consenso, comunidade. É a oportunidade de construir liderança de acordo com o modelo de Jesus. Elevar uma nova liderança para nossas nações entre os jovens qualificados. A transformação e a vida em comunidade não nascerão de uma pandemia, mas da Igreja de Jesus Cristo, liderada por ministérios apostólicos que são definitivamente dedicados a ser apóstolos. É a hora da gestação das grandes coisas que Deus fará com sua igreja e através dela na nova realidade.

⁹ Citado por Ricardo Agreste, <https://youtu.be/Riz7OeKpMYU>

Impacto renovador

Volte nosso cativeiro, ó Jeová, como as correntes do Neguev (v.4).

A NTV traduz: como os riachos renovam o deserto. Para que a igreja seja um agente de transformação, ela precisa ser renovada. O ministério apostólico deve conduzir esse processo libertador de renovação em pelo menos três aspectos. Nas estruturas eclesiais, formas, metodologias. A pandemia levou a uma atualização obrigatória da igreja, que normalmente é um ambiente muito resiliente. Mas não é para continuar fazendo o mesmo, mas virtualmente. Requer de todos nós uma nova visão integral. E especialmente como coexistir dinamicamente cara a cara com online. Aqueles que não se adaptarem à nova realidade e o fizerem com rapidez e eficiência sofrerão.

O ministério apostólico deve liderar uma renovação na unidade. O cativeiro do individualismo está prejudicando os avanços que foram feitos na unidade. O mundo digital exige uma nova aliança de unidade para os pastores. O ciberespaço é o território missionário de ninguém e de todos. Todos ministraramos a todos. E já começaram a haver práticas pastorais injustas que tentam capturar o gene de outras congregações na mesma cidade. As maiores congregações com os recursos mais técnicos e de pessoas estão absorvendo as pessoas das pequenas congregações. As crises enfraquecem as organizações. Os grupos que nuclearam os pastores perderam suas forças. Há uma crise de representatividade nas organizações que se nuclearam. As pessoas em meio a crises sentem que essas organizações não fornecem respostas ou representam suas necessidades. Em tempos de crise, as pessoas seguem indivíduos e não organizações. Pastores que buscam destaque ao preço da deterioração da unidade. É necessário um ministério apostólico que entenda a nova realidade e reconstrua relacionamentos e promova um novo movimento de unidade.

Acima de tudo, o ministério apostólico deve liderar uma profunda renovação, um retorno à essência bíblica do que é ser uma igreja. Quando a igreja é cativada pela cultura do espetáculo, as congregações mais ricas continuarão a absorver os crentes daqueles com menor probabilidade. Essa cultura eclesial de espetáculos, de mãos dadas com a pandemia, se aprofundou. A distorção não é mais que as pessoas "vão" à igreja, mas "veem" a igreja, em vez de serem a igreja.

A igreja que não somente será sustentada, mas crescerá, no tempo vindouro, terá duas características. Será uma igreja cheia do fogo do Espírito Santo e será uma igreja da comunidade. Essas são as duas coisas que farão as pessoas quererem fazer parte dela. Porque são as duas necessidades centrais do povo, e que ninguém pode dar, mas apenas a igreja. A razão pela qual as pessoas se reunirão no futuro, e não ficarão em casa para "ver" a igreja, é porque experimentam fortemente a presença do Senhor e a vida comunitária.

A Missiologista Leslie Newbigin disse: "Não fomos criados para nos conformar ao mundo, mas transformados pela renovação de nossas mentes. Deus usa oportunidades e mudanças na história para abalar seu povo, de tempos em tempos, para tirá-lo da conformidade com o mundo".

Impacto de avivamento

Os que semearam com lágrimas colherão com alegria. Quem anda e chora, dará a preciosa semente; mas ele voltará com alegria, trazendo seus feixes.

Estou convencido de que uma grande colheita está chegando. E que os ministérios apostólicos devem liderar o processo. Esse processo começa com o plantio. Este é o momento de semear. A semeadura é com lágrimas. O contexto de incerteza, medo, vazio, solidão, depressão, necessidade social e material, é um terreno muito doloroso, mas fantástico, para semear a semente da Palavra. O mundo virtual é um instrumento sem limites para fazê-lo, mas também muito doloroso. Juan Castillo diz: "A igreja virtual nos convida a negar nossas emoções, quase nos forçando a permanecer felizes, energéticos e positivos. Também há momentos para chorar e sentir a dor da separação. A Igreja real chora com aqueles que choram. Ficar sem a possibilidade de nos encontrarmos e nos vermos é uma catástrofe e devemos sentir saudades de nós mesmos com pesar e esse pesar servirá como prova de nosso amor cristão "¹⁰. Mas essa semente plantada com lágrimas nos trará uma grande colheita. Já estamos vendo milagres e sinais, como não experimentamos antes da pandemia, principalmente entre crianças, adolescentes e jovens. Estou convencido de que, quando pudermos voltar juntos, no meio da vida comunitária, milagres explodirão e esta nova geração terá poder para estrelar a próxima grande colheita.

Os ministérios apostólicos devem semear nessas novas gerações de uma maneira especial. Os mais velhos já tinham dificuldade em entender o mundo antes do vírus Corona. Agora vem uma nova realidade. E nesta nova realidade ainda não criada, teremos que dar aos nossos jovens o lugar de co-liderar e co-estrelar no avivamento. Estamos experimentando o fim de um tempo e o começo de outro. Os reavivamentos ocorrem nesse interregno. Eles ocorrem no meio dos tempos: Ó Jeová, revive sua obra no meio dos tempos, No meio dos tempos, faça-o conhecido; Na raiva, lembre-se da misericórdia (Habacuque 3.2).

Está chegando um momento maravilhoso. Feixes nos esperam. Colheremos uma grande colheita. As nações andarão na luz da igreja. Vamos sair e libertar pessoas do cativeiro. Então é hora de ousar sonhar. Em breve nossa boca ficará cheia de riso e nossa língua de louvor, porque entre todas as nações da terra se dirá: Grandes coisas que o Senhor fez conosco! Amém.

Carlos Mraída

¹⁰ Juan Castillo, *O nascimento da criptoigreja*.